

SUPERAÇÃO

Da invisibilidade das ruas ao curso de psicologia

» MARIANA ANDRADE*

O tema da redação da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2021 “Invisibilidade e registro civil: garantia de acesso à cidadania no Brasil” marcou a vida do estudante José Carlos Conceição Santos, 60 anos, não apenas no dia da prova, como em toda a sua adolescência.

Nascido em Pedrinhas, interior de Sergipe, José Carlos viveu a invisibilidade ainda muito jovem, com o repentino abandono da família adotiva. Quando tinha entre 10 e 14 anos de idade, o garoto foi “colocado” em um trem com destino a Salvador.

Apesar de ter vivido pouco tempo com a família, não sente raiva pelo abandono. Para ele, esse momento o fortaleceu

para enfrentar as adversidades do mundo.

José Carlos morou cerca de seis anos nas ruas de Salvador. A fome, o frio e os olhares de desprezo foram a sua única companhia nos dias e noites solitárias. Ele acredita que conseguiu superar as adversidades graças ao seu “instinto de sobrevivência”.

Apenas aos 16 anos, José Carlos nasceu socialmente, quando foi abordado por uma família que o recolheu das ruas e emitiu sua certidão de nascimento.

Ele iniciou os estudos por meio do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), onde aprendeu as letras e a escrever o próprio nome, mas logo abandonou a escola para trabalhar.

Começou na lavagem de carros, depois, passou a vender água de coco e geladinho na praia,



trabalhou em um restaurante em troca de alimentação.

Ainda que estivesse ocupado com o trabalho e não tivesse tempo para frequentar a escola, José Carlos declarou sempre ter sido apaixonado pelo mundo da literatura, amava as

revistinhas e gibis da época e, por esforço próprio e com a ajuda de pessoas próximas, aprendeu a ler.

“Um dia, eu quero ser um herói desses [dos quadrinhos]. Hoje, os gibis deram espaço aos livros de sociologia, filosofia e psicologia.

A busca pelo canudo

Mesmo com os conhecimentos providos de livros, José Carlos Conceição Santos, 60 anos, se sentia frustrado por não ter completado os estudos. Pensava em retomá-los, mas sempre desistia. “Eu fazia as coisas sempre pela metade. Eu leio bastante, tenho muito conhecimento acumulado de leituras, mas não tinha o importante, o canudo, que é o diploma”, destaca. Foi quando, em maio de 2020, um casal de amigos o motivou a retomar os estudos, realizaram sua matrícula no projeto Nova Eja da unidade do Serviço Social da Indústria Reitor Miguel Calmon (Sesi), na Bahia, que tem uma metodologia diferente de ensino ao reconhecer saberes adquiridos ao longo da vida do aluno.

O fato de a modalidade ser a distância facilitou a permanência

dele no projeto. José Carlos é porteiro há 18 anos em um condomínio residencial em Salvador, e conciliar o trabalho com os estudos nunca foi uma tarefa fácil até conhecer as aulas virtuais, mas, mesmo com as aulas on-line, não foi simples se ajustar ao novo território: “Nos primeiros dias, foi difícil me concentrar com a televisão ligada e o celular do lado. Mas, depois, fui criando o hábito e concluí o ensino fundamental com êxito. O ensino médio foi, como diz a gíria aqui do baiano, ‘pauleira’, mas eu consegui”. Após meses de empenho, dedicação e superação, ele se formou na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos.

“Para mim, foi uma realização enquanto pessoa, após quase 60 anos, estudar e concluir meus

cursos, porque o importante não foi só estudar, foi eu entrar e concluir”, declara.

Com o diploma de ensino médio, ele deu um passo importante e realizou a prova do Enem, no ano passado. E conta que, ao olhar o tema da redação, que tratou da invisibilidade e registro civil, ficou emocionado e lembrou muito do passado, especificamente para o tempo em que morou nas ruas, sem um lugar para chamar de lar e sem ser alguém aos olhos da sociedade. “Quando eu li ‘invisibilidade e o registro’, veio tudo à tona, era a minha trajetória de vida. As lágrimas desceram. Tem coisas que ficam gravadas, que você não consegue tirar, por mais que você tente”, relata.

A vontade de cursar psicologia nasceu para entender as situações traumáticas pelas quais tinha passado. “Dentro dessas situações todas, fui despertando para a psicologia, que pode me dar muitas respostas e, ao mesmo tempo, eu posso entender o

mecanismo da psique”, conta.

O objetivo de José Carlos é incentivar as pessoas a conquistarem seus sonhos e nunca desistirem. “Temos que nos agarrar ao que nos motiva. O meu passado, eu olho pelo retrovisor, eu foco lá na frente. Vamos para outros Enem’s da vida, porque a vida são Enem’s contínuos.”

“Descobri que não há ponto final para o conhecimento.” Com essa citação, é possível imaginar o que o futuro reserva para José Carlos, que continua tirando palavras dos livros para preencher as lacunas do passado.

Nos primeiros dias de janeiro, o porteiro José Carlos recebeu a notícia de que foi aprovado no Centro Universitário UniRuy (unidade de Salvador), onde garantiu a matrícula, mas diz que ainda está esperando receber o resultado do Enem. (MA)

* Estagiária sob a supervisão de Ana Sá